

Preconceito. gov. rj

NILTON BONDER

Há pouco reli uma história do Talmude na qual um rabino chega a uma cidade e pergunta: "Onde estão os guardiães da cidade?". As pessoas não entendem muito bem ao que ele se refere. Trazem então a polícia, os bombeiros e os políticos. O rabino então diz: "Não, vocês não me entenderam.... eu me referia aos educadores da cidade. São eles os guardiães da cidade."

Está sendo veiculado pelas TVs um comercial sobre um concurso de teatro sob a chancela do Governo estadual, terminando com selo do Governo estadual, onde o ator Marcos Nanini representa vários tipos humanos. A cada tipo cabe uma fala

própria do personagem. Entre eles está um rabino ou um judeu ortodoxo com a seguinte fala: "Cultura é turismo e turismo é dinheirrrro".

Não me considero um sujeito mal-humorado, mas não achei a menor graça. A falta de sensibilidade em marcar e propagar estereótipos é uma constante no humor que muitas vezes tem a salvaguarda do "é só uma brincadeira". Mas não é. É uma brincadeira e uma irresponsabilidade. A expectativa de encontrar produtos "politicamente corretos" chancelados por qualquer órgão oficial de Governo não é uma questão de ser bem-humorado ou não. É uma questão de educação e de cidadania. Quero crer que tanto o Governo e, muito mais ainda, o governador não têm participação neste detalhe

publicitário, mas é, sem dúvida, de sua responsabilidade.

É importante perceber que esse tipo de sensibilidade não é apenas para países do Primeiro Mundo, meio rígidos, sem jogo de cintura e mal-humorados, e que não têm outros problemas mais importantes para se ocupar. É uma questão de respeito à cidadania. Se os governantes não forem politicamente corretos, quem o será? Afinal são eles os "políticos" e a eles cabe serem modelos da busca do "correto".

É principalmente de representantes do povo e educadores em geral que se espera essa sensibilidade, que evita linguagem e imagens que reforcem estereótipos criados nitidamente para promover o "distanciamento" de grupos específicos da

sociedade.

Aí talvez haja um alerta interessante. Tal como uma boa democracia exige a separação de Estado e religião, acredito que exija uma separação entre Estado e cultura. Aquilo que cabe na cultura nem sempre cabe nos órgãos representativos do povo e responsáveis últimos por sua educação. Qualquer parceria entre ambos exige a sensibilidade que faltou a esse comercial.

Onde estão os guardiães da cidade? Estão onde quer que se exerça representatividade e liderança para promover a boa educação das novas gerações.

NILTON BONDER é escritor e rabino da Congregação Judaica do Brasil.